



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A LÍNGUA ITALIANA:
UMA TRAJETÓRIA DE MUDANÇAS E DESAFIOS

Patrícia Cristina da Silva

Rio de Janeiro

2022

PATRÍCIA CRISTINA DA SILVA

A LÍNGUA ITALIANA:
UMA TRAJETÓRIA DE MUDANÇAS E DESAFIOS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharelado em Letras na habilitação
Português/Italiano.

Orientador: Prof.^a Dra. Annita Gullo

Rio de Janeiro

2022

CIP - Catalogação na Publicação

S5861 Silva, Patrícia Cristina da
A língua italiana: uma trajetória de mudanças e desafios / Patrícia Cristina da Silva. -- Rio de Janeiro, 2022.
37 f.

Orientadora: Annita Gullo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português - Italiano, 2022.

1. língua italiana. 2. dialetos. 3. variações regionais. 4. fascismo. 5. unificação. I. Gullo, Annita, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus pais por terem me dado todo o apoio e suporte necessário para que eu pudesse concluir o curso de letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sem vocês nada disso seria possível.

Ao corpo docente da UFRJ, que mesmo na correria diária, fazem de tudo para despertar o interesse dos alunos pelos inúmeros caminhos a serem percorridos no meio acadêmico. O céu é o limite.

À professora Annita Gullo, por aceitar o convite para ser a minha orientadora nesta monografia e por dispor do seu tempo para elaborá-la comigo.

Ao professor Fabio Pesaresi, que me incentivou a fazer parte do projeto CLAC, do qual fui monitora de língua e cultura italiana por dois anos e meio. Agradeço também por estar sempre disponível para eventuais dúvidas e por tornar as aulas mais leves e divertidas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 A ORIGEM DA LÍNGUA ITALIANA: DO LATIM AO VULGAR FLORENTINO	7
2 O PROCESSO DE UNIFICAÇÃO POLÍTICA ITALIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	11
3 A UNIFICAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA ITALIANA NO PERÍODO PÓS-GUERRA.....	15
3.1 O papel da escola	15
3.2 O uso da língua comum	17
3.3 A italianização dos dialetos	19
4 OS ITALIANOS REGIONAIS	21
4.1 A variedade regional setentrional	23
4.2 A variedade regional central toscana	24
4.3 A variedade regional central romana	25
4.4 A variedade regional meridional.....	26
4.5 A variedade regional sarda.....	27
5 A LÍNGUA ITALIANA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	29
5.1 O jornal	29
5.2 O cinema	30
5.3 O rádio	31
5.4 A televisão	31
6 CONCLUSÃO	34
7 REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Inicialmente, quando falamos uma língua não nos damos conta de todo o processo de mudança linguística ocorrida ao longo do tempo para se chegar ao idioma oficial de um determinado país. No momento em que analisamos a língua italiana falada no território italiano em sua totalidade, do Norte ao Sul, descobrimos diferentes formas de entonação, pronúncia, as influências de outros países com os quais faz fronteira e as transformações percorridas no decorrer do tempo até chegar ao processo de uma língua padrão.

Diante de um território com características linguísticas e culturais tão heterogêneas, o objeto de estudo desta monografia é mostrar como foi o estabelecimento da unificação linguística italiana e as consequências desse processo na vida dos cidadãos italianos. Para tanto, serão apresentadas as principais mudanças históricas, políticas e sociais percorridas pela língua italiana até chegar à língua que conhecemos hoje. Será adotada a metodologia histórico-linguística e levantamento de dados baseado nas obras de Bruno Migliorini (1936), Tullio de Mauro (1971), Dardano e Trifone (1995), Alberto Sobrero e Annarita Miglietta (2006), Rüegg, (1956/2016), Berruto (2012) e, por fim, da Enciclopédia Treccani.

A presente monografia é composta por cinco capítulos, no primeiro capítulo, posterior a introdução, apresenta-se a origem da língua italiana e conseqüentemente, as mudanças ocorridas até chegar ao vulgar florentino; no segundo capítulo veremos como se estabeleceu a Unificação política italiana e as interferências do Regime Fascista; no terceiro capítulo e suas subdivisões, veremos a Unificação da língua italiana e a italianização dos dialetos; no quarto capítulo falaremos sobre os italianos regionais e suas variações, e no quinto e último capítulo veremos a língua italiana usada nos meios de comunicação.

1 A ORIGEM DA LÍNGUA ITALIANA: DO LATIM AO VULGAR FLORENTINO

A língua italiana, originária do latim, passou por uma língua de transição chamada de vulgar, usada por grandes escritores italianos e pela grande maioria da população na idade média. Neste capítulo, veremos os caminhos percorridos nesse processo de mudança linguística.

O latim surgiu inicialmente na região do Lácio e se estabeleceu como a língua oficial do Império Romano. Com o passar do tempo, ele começou a se modificar devido às transformações político-sociais pelas quais a Itália atravessava. Naquela época, a preferência da população pela língua falada do que pela escrita foi justificada pela facilidade de comunicação, pois, não possuía nenhuma regra gramatical imposta como era exigida nas escolas. Com as Invasões Germânicas (séculos IV e V), aos poucos, o latim começa a deixar de ser a língua principal daquela região, adquirindo novas configurações trazidas pelos povos que ali chegaram. Em alguns lugares a língua latina foi desaparecendo e, em outros, ela foi se modificando, dando origem ao que conhecemos como línguas neolatinas, ou seja, novas línguas latinas, como o francês, o espanhol, o português, o romeno, o ladino, o catalão, o provençal, o franco-provençal, o dalmático, o sardo, e por fim, o italiano.

O vulgar, que era a língua falada informalmente pelas pessoas e derivada do latim, começou a aparecer na França por volta do século IX através de um documento escrito e publicado por Luigi Schiaparelli sob o nome de *Indovinello Veronese*, assumindo o primeiro registro na língua e literatura italiana (MIGLIORINI, 1936). Esse documento foi chamado de Enigma Veronês porque possuía uma mistura entre o latim e o vulgar da região do Vêneto e encontra-se em um manuscrito da Biblioteca Capitular de Verona e faz uma comparação entre a ação de escrever e de arar:

“Se parebas boves, alba pratalia araba,

Albo versorio teneba et negro sêmen seminaba”.¹

¹ DARDANO, M. e TRIFONE, P. *Grammatica della lingua italiana con nozioni di linguistica*. Bologna: Zanichelli, 1998. P. 71.

Por outro lado, temos uma inscrição feita por povos antigos que foi encontrada entre os séculos VIII e IX, considerada o início da escrita em vulgar, chamada de *Inscrição da catacumba de Comodila*, na qual consistia em não recitar as orações secretas da missa em voz alta: “*Non dicere ille scripta a bboce*”.² Outro documento citado por Dardano e Trifone (1995) é o *Placito di Capua*, que foi um juramento feito na frente de um juiz por três testemunhas em março de 960. A língua utilizada nesse juramento era completamente diferente do latim:

“*Sao ko kelle terre, per kelle fini que ki contene,
trenta anni le possette parte Sancti Benedicti*”.³

Todos os autos desse processo encontram-se na Abadia de Montecassino e seus registros foram escritos em latim, com exceção desse fragmento. O uso do vulgar era limitado à forma de juramento, para transcrever fielmente as palavras das testemunhas, permitindo a compreensão de todos. Era a língua usada por toda a população com traços coloquiais, muitos dos quais foram adquiridos na infância ou no ambiente familiar e seu registro era mais comum na fala, principalmente pela população mais pobre. Ao longo do tempo, o vulgar começou a se espalhar por boa parte da Itália, despertando o interesse da população pela língua usada nas poesias daquele tempo. Os poetas sicilianos começam a conquistar a admiração de outros artistas e, conseqüentemente, expandiu-se para outras áreas de interesse artístico (DARDANO E TRIFONE, 1995). A partir de então começa a florescer na Toscana o *Stilnovo*, que era uma forma inovadora de fazer poesia e, seus principais representantes foram Guido Guinizelli, Guido Cavalcanti, Lapo Gianni, Dante Alighieri e entre o *Duecento* e o *Trecento*, nascerá na Toscana, a poesia realística, com Cecco Angiolieri e Folgore da San Gimignano (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006). Quando Dante Alighieri e Petrarca se unem nessa nova escola, fazem com que a poética dos chamados *Stilnovisti* se consolidem pelos séculos seguintes no território italiano. O florentino começa a ganhar força por causa

2 SOBRERO, Alberto A., MIGLIETTA, Annarita. *Introduzione alla linguistica italiana*. Roma-Bari: Laterza, 2006, p. 23.

3 DARDANO, M. e TRIFONE, P. *Grammatica della lingua italiana con nozioni di linguistica*. Bologna: Zanichelli, 1998. P. 72.

dessa nova literatura (MIGLIORINI, 1936). Dentre os escritores florentinos mais famosos destaca-se Dante Alighieri (1265-1321), autor da *Divina Comédia*; Francesco Petrarca (1304-1374), autor do *Cancioneiro* e Giovanni Boccaccio (1313-1375), autor do *Decamerão*.

A difusão da Divina Comédia obteve mais de 600 manuscritos, o florentino começa a chegar a todas as camadas sociais, especialmente àquelas que eram as mais humildes. Dante, Petrarca e Boccaccio foram usados como modelos de prosa de arte e da lírica amorosa. Tempos depois, o florentino começa a enfrentar dificuldades devido aos diferentes dialetos que ainda eram muito difusos na Itália, sobretudo porque ainda não havia uma unificação linguística no que diz respeito à forma escrita, estendida para a forma falada (DARDANO e TRIFONE, 1995). Os poemas sacros são cada vez mais difundidos e a terceira rima passa a ser usada por Dante, Boccaccio e Petrarca, e seus poemas são transmitidos rapidamente por todo o território. Essa fama difundiu o *culto das três coroas* que associa essa admiração por esses três escritores apaixonados pela forma. Em meados do século XV, o Humanismo se estabeleceu através da lenta difusão do florentino, uma vez que os seus estudiosos tanto dos clássicos quanto do latim faziam teorias de desprezo ao vulgar, que, segundo eles, só servia para usos práticos e não para o literário. No decorrer do tempo, viu-se a necessidade de se ter uma língua voltada para a comunicação entre os cientistas de toda a Europa, que não fosse completamente culta, mas acessível e simples para se chegar a mais pessoas. Tendo em vista essa motivação, surge Galileu Galilei (1564-1642), que opta por usar o vulgar ao invés do latim. Abandona termos genéricos e equívocos para introduzir um léxico mais preciso e científico, exceto o uso de vocábulos ainda não utilizados na comunicação entre os estudiosos, isto é, diálogos tirados do vulgar e rigorosamente definidos (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006).

Em seguida, começaram a surgir dúvidas quanto ao uso do florentino na chamada “questão da língua” na qual disputaram três diferentes modelos. A vitória do estilo Bembiano foi consagrada em Florença por uma instituição que foi por muito tempo um tribunal da língua literária italiana: *L'Accademia Della Crusca*, fundada por volta do final do século XV por um grupo de eruditos que se propuseram a distinguir a “farinha” da “Crusca”, ou seja, as palavras boas das ruins. Durante a segunda metade do século XV surgiu a chamada arte da impressão na Itália, que iria substituir, mais tarde, o processo de cópia manual produzida por muito tempo pelos copistas chamados de

amanuensi. A primeira obra escolhida para ser impressa foi o *Cancioneiro* de Petrarca, logo após, foram o *Decamerão* de Boccaccio e a *Divina Comédia* de Dante Alighieri. Essa novidade trouxe um maior desenvolvimento do vulgar florentino não só através dos livros, mas também os levou para uma unificação da escrita porque os *impressores* retiravam as oscilações provenientes dos manuscritos (DARDANO e TRIFONE, 1995).

2 O PROCESSO DE UNIFICAÇÃO POLÍTICA ITALIANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A questão de uma língua comum entre toda a península itálica torna-se cada vez mais presente e com ela, um sentimento por uma nação independente. O processo de autonomia entre as nações, na Itália, foi chamado de *Risorgimento*, um movimento político e social, que levou à independência e a unificação italiana em 1861 (PARMENTOLA, 2006). Esse movimento se deu através de traços da tradição histórica, da cultura, pela necessidade de crescimento econômico e das relações internacionais como a política externa (CAROCCI, 2012). O sentimento de nação sempre teve um limite, principalmente nas primeiras décadas de unificação e na consciência dos valores universais como a liberdade, a cultura europeia e a humana no que diz respeito aos afetos da língua. *Leopardi* e *Manzoni* eram considerados os guias ideais na vida do país, pois, mantinham-se sempre distantes da exclusividade linguística, baseando-se no respeito e na admiração aberta aos valores presentes em outras tradições linguísticas e literárias (DE MAURO, 1970).

Durante o Romantismo (Século XVIII), surge a ideia de que a humanidade deveria ser dividida em nações e cada uma delas teria o direito de ter um estado nacional. Nessa época, uma nação era reconhecida por diferentes símbolos como língua, tradição literária, artística e cultural e, no caso da Itália, esse reconhecimento era muito difícil, pois, muito antes da unificação, a maioria da população não falava o italiano, somente os dialetos locais. Na tentativa de resolver esses problemas surge Alessandro Manzoni que escreve em três versões diferentes a sua obra *I Promessi Sposi*. Na edição mais recente desse livro (1840), Manzoni retira as formas mais antigas, literárias e provençais e acrescenta palavras e expressões mais comuns e próprias do florentino vivo. Segundo De Mauro (1970), no momento da unificação, o percentual de cidadãos que tinham como língua mãe um idioma europeu diferente do italiano não chegava a 1% da população, ou seja, 80% da população italiana era composta por analfabetos que não tinham contato com o uso escrito da língua e 20% desconheciam o italiano. As migrações internas (entre as regiões meridionais, Piemonte e Lombardia) e as migrações externas foram um dos primeiros fatores que ocasionaram o início da unificação. O período de maior intensidade dos fluxos migratórios foram os anos de 1891 e 1911, com uma faixa

etária entre 10 e 30 anos, sobretudo homens, onde a taxa de analfabetismo era menor porque a maioria conhecia a língua nacional através da escrita.

Com a Segunda Revolução Industrial, através do urbanismo, desencadearam várias atividades industriais como a indústria mecânica, de tecido, siderúrgica, dentre outras. Isto significa que novos postos de trabalho surgiam e as pessoas se transferiam para essas localidades. A grande maioria era formada por grupos de agricultores que abandonavam as terras improdutivas, camponeses desempregados e jovens. Nos primeiros anos do século XX registrou-se um considerável abandono dos campos para a vida urbana e as cidades que mais se desenvolveram industrialmente foram Turim, Milão e Gênova. Roma tinha um forte diferencial no setor terciário (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006). No entanto, a emigração foi bastante numerosa no período de maior dificuldade econômica e algumas vezes foi também uma situação temporária. Essa unidade linguística trouxe muita circulação de ideias, coisas e palavras e, em 1870, Roma adquire uma importância na vida social com outras cidades grandes como Milão, Turim, Bolonha, Florença, Nápoles e Palermo que continuam a influenciar outras regiões. Entre as transformações mais evidentes, destaca-se a multiplicação das ferrovias, das estradas e das indústrias, que se desenvolviam mais ao norte do que ao sul; as estruturas militares se espalhavam fortemente por todo o território. Essa tendência de coincidir a nacionalidade com o Estado foi chamada de *irredentismo* e, mais tarde, surge o *nacionalismo* (MIGLIORINI, 1936).

De Mauro (1970), destaca que em 1861, numa população total de mais de 26 milhões, 15,5 milhões de habitantes 57,4% eram obrigados a trabalhar e em 1951 o percentual da população ativa baixou para 41,2%. O aumento dos lucros reais foi possível graças ao desenvolvimento da atividade industrial e da ligação com as atividades terciárias, permitindo que a população mais velha não trabalhasse e, consentiu principalmente que os cidadãos em idade escolar se dedicassem mais aos estudos do que ao trabalho. Essa situação provocou uma redução da jornada de trabalho que em 1861 eram de 72-84 horas para 40-48 horas semanais no segundo pós-guerra. Nesse campo, surgem as publicidades de produtos comerciais e industriais, que tiveram um papel importante na criação de nomenclaturas unitárias em todas as regiões, enquanto as mais antigas eram, gradualmente, substituídas pela difusão do italiano falado e pelas variedades regionais. A chamada *italianização dos dialetos* não acabou com a contribuição da industrialização, pelo contrário, possibilitou a introdução e

difusão das bases lexicais de línguas diversas do italiano, possibilitando uma aproximação com o estilo europeu, mas com diferentes estruturas. Essa mistura de idiomas locais e o início do seu enfraquecimento foram maiores em 96 cidades, pois, mais da metade dos residentes provêm de outras localidades e essa mudança não foi só na linguagem dialetal das emigrações, ou seja, o linguajar que era próprio daquelas regiões começou a perder força e tiveram que se adequar a nova realidade.

Com a chegada do Fascismo (1922), houve uma mudança nessa nova modernização das classes mais pobres, como o surgimento de organizações partidárias, a participação de jovens nos rituais do chamado sábado fascista e nas manifestações esportivas. A influência dessa aproximação forçada provocou a falta de iniciativas de promover a educação em massa e, por outro lado, aumentou a exposição do italiano falado devido aos comícios e das reuniões, feitas pelos militares, na qual eles usavam o alto-falante para se comunicar com a população. Diante da demanda na comunicação, eles começaram a elaborar tipologias textuais diversas nunca vistas antes e a propagação das informações foi feita com base nas necessidades, diferentemente daquelas que existiam nos artigos jornalísticos, isto é, deveriam ser mais explícitas, com um raciocínio mais simples, rápido e breve, sem muitas questões gramaticais, o uso de palavras comuns e a explicação eventual de algum termo mais técnico. Surge, daí, um novo estilo jornalístico que afetaria a história dos gêneros e tipos de textos que influenciaram cada vez mais em importantes aspectos da língua italiana (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006).

Durante a Grande Guerra apareceu pela primeira vez um nível linguístico popular e unitário, rico de regionalismos não locais. Os neologismos como *cecchino* ou *imboscato* são os vestígios que restaram na fala corrente de todas as classes, já os cantos das manifestações, os diários de pessoas comuns, as cartas conhecidas através das coleções de Spitzer e Omodeo, os fragmentos dos discursos e dos escritos dos condenados ao pelotão de execução, documenta o primeiro constituir-se do italiano popular unitário (DE MAURO, 1970). Devido à queda do Regime fascista, a República Italiana foi finalmente proclamada em 2 de junho de 1946 e dois anos após entrou em vigor a Constituição da República Italiana que garantiu direitos e deveres importantes para toda a população. Destaca-se o direito ao trabalho para todos os cidadãos (Art. 4), fortalecendo o desenvolvimento econômico, social e pessoal dos indivíduos e o Art. 6, dedicado à proteção das chamadas minorias linguísticas, como os dialetos e

estrangeirismos, contribuindo, assim, para a sua autonomia. De acordo com De Mauro (1970), as transformações fundamentais da economia italiana e do nível médio de escolaridade modificaram as condições linguísticas do país, bem como pelos caminhos já indicados até agora, consentiram e determinaram também inovações profundas em dois setores intimamente relacionados como a informação e o espetáculo. Nos anos seguintes ao segundo pós-guerra, a imprensa conseguiu alcançar, em 1950, quase a metade da população adulta, ou seja, entre os leitores habituais e os que não liam chegava a quase 25 milhões de pessoas, que em prática eram quase toda a sociedade alfabetizada.

3 A UNIFICAÇÃO LINGUÍSTICA DA LÍNGUA ITALIANA NO PERÍODO PÓS-GUERRA

A situação linguística italiana ainda caminhava lentamente para uma mudança significativa. O italiano ainda era a língua da literatura e pertencente às camadas mais altas e escolarizadas da sociedade, excluindo-se, assim, as demais classes e as diferentes regiões existentes no território. Essa diferença fez com que o italiano não chegasse a todos os lugares e a todas as pessoas ao mesmo tempo, e, com isso, o problema da alfabetização continuava porque o dialeto ainda estava muito presente na comunicação cotidiana, o que dificultava a introdução dessa nova língua comum. A seguir veremos as principais mudanças ocorridas na língua até a sua consolidação e difusão.

3.1 O papel da escola

Uma das mudanças significativas nas escolas foi promovida pelo Ministro da Educação, Michele Coppino, com a criação, em poucos meses, de um projeto que tinha nove artigos (TALAMO, 1983) e um de seus princípios era a obrigatoriedade de ensino para todas as crianças com mais de seis anos. Com a promulgação da Constituição de 1948, através do Art. 34, estabeleceu-se o direito à educação como um dos direitos fundamentais dos cidadãos e obrigação do Estado mantê-la gratuita e obrigatória, por pelo menos oito anos. Após a unificação, a escola teve um papel importante na difusão da língua por todas as regiões e, conseqüentemente, surgiram dois projetos opostos: de um lado, os manzonianos, que defendiam a erradicação do dialeto e a imposição do Florentino, e de outro, De Sanctis, L'Ascoli e D'Ovidio, que tinham ideias opostas a eles e eram favoráveis ao estudo dos dialetos como forma de confronto com o italiano. As duas propostas consideravam que os professores deveriam dominar o italiano e que a obrigatoriedade do ensino elementar deveria ser cumprida em um período de 3 anos. O projeto, chamado de *desanctisiano* exigia que os professores não só dominassem a língua, mas também que tivessem noções de linguística histórica e dialetológica. Esses projetos se estabeleceram somente após a Segunda Guerra Mundial.

No entanto, a persistência da evasão escolar revelava a importância da escola elementar, que mesmo que estivesse longe das condições necessárias para o início de

uma política linguística, a falta de investimentos contribuía para o seu fracasso. O gerenciamento escolar era feita pelas comunas, que não possuíam recursos financeiros suficientes para estruturá-las devidamente, os professores usavam métodos formais de uso da língua e por muitas vezes faziam uma mistura entre dialetos e a literatura e, pela falta de formação, muitos deles não conseguiam ministrar as aulas completamente em italiano, o que contribuía para a ineficácia desse programa linguístico. Essa situação foi muito criticada por Corradini (Apud DE MAURO, 1970, p.93). Apesar disso, o italiano não conseguia se difundir, pois, aquele ambiente no qual se encontrava era dominado exclusivamente pelos dialetos, que eram usados e transmitidos pelas famílias que ali residiam e, não na escola através de livros.

As condições educacionais variavam muito entre as populações que viviam nas cidades e no campo e das zonas mais urbanizadas para as agrícolas. Nas cidades, o ensino era mais eficiente que no campo porque as pessoas não sofriam tanta influência dos dialetos, as escolas e os professores eram mais numerosos e a qualidade era superior às outras. Essa política escolástica se manteve da Unificação à Primeira Guerra Mundial e continuou até o segundo Pós-Guerra, entre os anos 1945-1946. Devido às diferenças escolásticas entre as regiões, as taxas de redução do analfabetismo possuem datas diferentes dependendo da região, sendo mais expressivas nos anos de 1911 a 1951. As regiões do Norte da Itália ultrapassaram a taxa de 75% da população alfabetizada antes de 1921, enquanto no Sul o alcance foi abaixo dos 50% nos anos seguintes. O Sul era a região com um número expressivo de pessoas analfabetas e semianalfabetas do território entre os anos de 1951 a 1961. Como vemos, a origem dos elementos linguísticos no italiano “*standard*” possui mais elementos setentrionais (Norte) que meridionais (Sul). A educação nas escolas médias inferiores e superiores tiveram um papel importante no processo de difusão da língua, muito antes do surgimento dos meios de comunicação. A partir de 1950 tornou-se um “fenômeno de massa” (DE MAURO, 1970, p. 102) espalhando-se rapidamente, mesmo que seus frequentadores fossem a minoria da população. De caráter mais formalista, esse sistema escolástico controlava o uso dos dialetos e regionalismos, ao contrário da escola elementar. Além disso, mantinha o foco no uso gramatical fazendo, por diversas vezes, hipercorreções ao uso da gramática, provocando consequências a seus alunos que deveriam falar como “um livro impresso” (DE MAURO, 1970, p. 104).

3.2 O uso da língua comum

Com a criação do Estado Unitário e a conseqüente formação da burocracia e do Exército surgiram outros fatores, além da escola, que contribuíram para a difusão da língua comum. O corpo burocrático instaurado era obrigado a usar o italiano *standard*, pelo menos em público, que era influenciado pelos dialetos meridionais em seus termos. O Serviço Militar obrigatório favorecia um afastamento dos jovens de suas cidades de origem para outros ambientes, com características linguísticas diferentes das suas, o que enfraqueceu as tradições dialetais. Contudo, o exército pós-unitário, principalmente composto por piemonteses, fazia uso incomum da língua italiana, já que insistiam na utilização de seus próprios dialetos. Conseqüentemente, esses “piemontesismos” entraram e ficaram no jargão popular comum dos batalhões e se estabeleceram na língua popular (DE MAURO, 1970). Esses fatos foram muito importantes para a ampliação da língua, mesmo que o papel dessas instituições fosse completamente outro. Segundo DE MAURO (1970), a italoфонia não foi um processo estatisticamente exato porque a disseminação do uso da língua tornava a sua análise problemática quantitativamente em sua difusão, ou seja, o desaparecimento das condições linguísticas advindas da Unificação retirou a sua validade no critério de alfabetismo, que era considerado discriminatório, mas era uma condição necessária. No final do século XIX, as pessoas mais alfabetizadas concentravam-se nos grandes centros urbanos o que favorecia uma maior troca linguística entre classes sociais e diferentes regiões, esse contato proporcionava condições para outras pessoas que não possuíam um nível maior de instrução ao conhecimento da língua nacional e a se comunicarem com outras em diversas situações.

Através de um Censo dos italoфонicos, no início do século XX, percebeu-se a necessidade de somar aos 13 milhões de pessoas alfabetizadas fora dos grandes centros, 3 milhões de habitantes, os quais tinham condições de obter o conhecimento do italiano mesmo que fossem analfabetas. Desse total de 16 milhões, a italoфонia era possível, pois, conviviam com o italiano e o usavam em sua forma escrita e falada. Possuíam um conhecimento teórico para usá-lo, caso fosse necessário, e a capacidade de entender o que lhes diziam. Por outro lado, em número inferior, eram aqueles que realmente usavam o italiano no cotidiano, ou seja, os falantes efetivos, que não passavam de 5 milhões se olharmos para cinquenta anos atrás para as proporções que podem ser

deduzidas pelo exame da situação linguística italiana nos anos subsequentes a 1950. No segundo pós-guerra, a Itália começou a se desenvolver cultural e cientificamente, o que possibilitaria a criação de instrumentos e organizações para que essa pesquisa acontecesse mediante uma análise estatisticamente correta e detalhada das condições de uso da língua, do dialeto e do grau de conhecimento (DE MAURO, 1970).

Na ausência desse levantamento estatístico, foram utilizados os dados deduzidos de uma investigação valiosa realizada por volta de 1956 em Colônia por Robert Rüegg, um estudioso suíço. Essa pesquisa se intitulava *Sulla geografia dell'italiano parlato* (1956/2016) e tinha como objetivo mapear a realidade linguística da Itália conforme o léxico usado e pela sinonímia provocada simultaneamente pela variante do italiano *standard* e de outras regiões oriundas dos dialetos (SOBRERO, 2015). Rüegg fez uma investigação com 124 pessoas vindas de 54 províncias italianas com o objetivo de analisar quem usava e não usava a língua comum. As perguntas eram feitas com base em diversos setores, por exemplo, família, infância e jogos, corpo e saúde, comida, vestimenta, trabalho e profissão, comércio e dinheiro, vida social, tempo, restaurante, escola e igreja, Estado e Pátria, cidade e trânsito (SOBRERO, 2015). Os candidatos deveriam responder fazendo um elenco de palavras e termos que conheciam e dizer se era um uso exclusivo, predominante ou alternado. Os resultados mostraram uma grande variedade de sinônimos regionais e somente 1 dos 242 termos era falado em todo o território, como foi o exemplo de “*caffè forte*” que era conhecido em toda a Itália por “*caffè espresso*”. Dentre os outros conceitos levantados, somente 11% possuíam 2 variantes e 88% mais de 2 e até 13 variantes. Entre as regiões destacaram-se 46 casos que eram opostos ao restante do que era falado em outros lugares, como por exemplo, ao Norte: *vera* ~ *fede*, *cappuccio* ~ *cappuccino*. Na Toscana: *in collo* ~ *in braccio*, *Asse* ~ *tavola*, *monaca* ~ *suora*. Ao Sul: *villa* ~ *giardino pubblico*.

Segundo Rüegg (1976), os resultados obtidos mostram que em 1951 mais de um terço da população (35,42%) teriam abandonado o uso do dialeto como a única forma de comunicação, porém, um pouco mais de um sexto (18,5%) o abandonaram completamente, já para quatro quintos era usado diariamente e para quase dois terços (63,5%) era o idioma utilizado normalmente em qualquer lugar ou circunstância. A italoфонia geralmente era maior onde o nível de instrução e renda eram maiores, pois, era considerada uma forma de prestígio. Aos poucos, essa realidade foi ganhando espaço nas cidades menores e nas classes mais altas, o que culminou na diminuição do

uso dos dialetos entre as classes não dominantes. A tradição linguística italiana foi dominada por forças que do centro irradiaram módulos linguísticos à periferia (DE MAURO, 1970, p. 137). Enquanto a mobilidade da língua entre as classes dominantes e inferiores era cada vez mais reduzida, por outro lado, a mobilidade horizontal, que era feita através dos deslocamentos das pessoas entre diversos setores da economia, bem como entre os centros rurais e as cidades maiores, aumentava significativamente. Graças a essa flexibilidade, tanto as camadas sociais mais altas quanto aquelas mais baixas, inclusive da população que não tinha feito deslocamento algum entre setores ou regiões, resolveram adequar-se ao estilo de vida das cidades com a consequente ruptura das tradições linguísticas dialetais que tornavam a utilização da língua comum uma tarefa difícil. Com a redução do uso dos dialetos surge uma *italianização* no léxico, na fonologia e na sintaxe, permitindo, assim, que a língua se torne mais enriquecida e popular.

3.3 A italianização dos dialetos

O aumento do contato linguístico provocado principalmente pela obrigatoriedade escolar, as migrações internas, o desenvolvimento das cidades, e o surgimento dos meios de comunicação, provocaram a entrada de palavras do italiano popular nos dialetos e, com isso, surgiram mudanças significativas em sua estrutura lexical, fonológica, morfológica e sintática. Dessa forma, um maior número de pessoas possuía uma pluralidade de registros linguísticos como o italiano comum, o italiano regional, o dialeto italianizado e o dialeto na sua forma mais arcaica e distante do italiano (DE MAURO, 1970). Esse novo comportamento linguístico permitiu um elo entre dialeto e o italiano através da arte e da literatura. No teatro, o ator e autor Eduardo De Filippo se destaca pelas suas obras escritas em dialeto napolitano (SCHINO, 2005) e entre elas destacam-se: “*Napoli milionaria*” (1945), “*Filumena Marturano*” (1946), “*Sabato, Domenica e Lunedì*” (1959). Já na literatura, quatro autores destacaram-se : (1) Alberto Moravia: “*Il conformista*” (1951); (2) Pier Paolo Pasolini: “*La meglio gioventù*” (1954); (3) Carlo Emilio Gadda: “*Il primo libro delle favole*” (1952) e (4) Lucio Mastronardi: “*Il calzolaio di Vigevano*”(1959/1962).

O período entre a Unificação e a Segunda Guerra Mundial não foi homogênea linguisticamente, porque, na oralidade, as pessoas faziam uma alternância entre o italiano e o dialeto. Essa alternância entre uma ou outra língua pode ser explicada por dois fatores: o grau de escolarização entre os falantes e a disposição dos códigos linguísticos, ou seja, quanto mais escolarizado era o falante, menos dialeto era produzido. Porém, pela necessidade de comunicação, as pessoas começavam a produzir códigos que se cruzavam entre si, provocando uma variedade linguística maior do que estavam acostumados e essa variedade foi chamada de italiano regional, que era considerada uma linguagem intermediária entre a língua italiana e o dialeto. Logo após a Unificação, os dialetos passaram por uma renovação tanto na sua forma quanto na sua função por meio dos empréstimos, os chamados empréstimos inter-dialetais, que se deram pela junção dos dialetos dos centros urbanos mais desenvolvidos e os dos menos desenvolvidos e das zonas agrícolas. Todas essas influências entraram através da língua comum, sem a mediação dos dialetos que possuíam um maior prestígio como o torinese, o milanês, o romano e o napolitano. Apesar das fortes correntes migratórias dos centros rurais para os centros urbanos, os elementos novos que surgiam não tinham muito prestígio.

Já a forte imigração em Roma favoreceu a entrada de outros termos no dialeto romanesco que vieram tanto do norte quanto do sul do território italiano e dos centros urbanos para os rurais, o que favoreceu um tipo de sistema linguístico híbrido, pois, misturava muitos sistemas dialetais centro-meridionais que deram origem ao *cispadano*, usado na literatura por Carlo Emilio Gadda na sua obra *Pasticciaccio brutto de via Merulana* (DE MAURO, 1970). Esse processo de italianização dos dialetos provocou o surgimento de formas arcaicas do italiano, por isso, os dialetos que não possuíam formas correspondentes no italiano eram eliminados. Como algumas estruturas fonológicas do italiano eram mais conservadoras porque derivavam do florentino, conseguiram superar as outras línguas latinas e os demais dialetos. Todos esses empréstimos originários da língua popular que entraram nos dialetos foram constituídos pelas variedades regionais do italiano, como veremos mais adiante.

4 OS ITALIANOS REGIONAIS

Para podermos entender melhor o que seriam os italianos regionais, bem como a arquitetura do italiano contemporâneo e suas variedades, usaremos os estudos de Gaetano Berruto, sociolinguista italiano, com outros autores que tratam do mesmo assunto. A arquitetura do italiano foi uma tentativa de descrever uma síntese dos tipos e das colocações das variedades de cuja soma se constituiu a língua contemporânea (BERRUTO, 2012, p. 20). Diante desse modelo de arquitetura, três premissas são consideradas:

La prima è che occorra evitare di mescolare le dimensioni di variazione, e nello stesso tempo tenere, e dar, conto del fatto che esse si intersecano; in secondo luogo, crediamo che, almeno nell'uso orale che costituisce il *prius* dell'osservazione del linguista, la differenziazione geografica abbia un ruolo "primitivo", a parte; infine, si suppone che sia utile, accanto alle tre tradizionali categorie di diatopia, diastratia e diafasia, considerare anche la variazione in diamesia (BERRUTO, 2012, p. 20).⁴

Através desse levantamento, Berruto identifica nove variedades do italiano contemporâneo, mas no presente trabalho, nos concentraremos somente nas formas do *italiano standard* e do *italiano neo-standard*. O italiano *standard* é descrito e regulado pelos manuais de gramática, possui um grau diastrático e é encontrado principalmente na fala das elites e em algumas profissões mais específicas como atores ou profissionais que fizeram algum tipo de curso de dicção. Apesar dos traços Florentinos terem sido incorporados a essa forma, a sua marcação é diatópica e menos marcada do que as outras variedades. Sobrero e Miglietta (2006) classificam o italiano *standard* como um conjunto de regras que eram impostas pela gramática e pela escola já que eram consideradas formas corretas e, conseqüentemente, essas regras seriam transmitidas de geração em geração.

4 A primeira é que é necessário evitar misturar as dimensões da variação e, da mesma forma, manter e dar conta do fato que elas se cruzam; Em segundo lugar, acreditamos que, pelo menos no uso oral que constitui o *prius* da observação o linguista, a diferenciação geográfica tenha um papel "primitivo", à parte; Finalmente, se supõe que seja útil, juntamente com as três categorias tradicionais de diatopia, diastratia e diafasia, considerar também a variação diamésica (BERRUTO, 2012, p. 20, tradução nossa).

Tendo em vista todas essas variantes no território, os linguistas buscavam uma forma de classificá-las segundo as suas diferenciações tanto da variante *standard* quanto em suas estruturas: morfológicas, lexicais e fonéticas. Francesco Sabatini (1985) a definiu como “*italiano dell’uso medio*” (“italiano de uso médio”), já Gaetano Berruto (2012) a define como “*neo-standard*”. O “*italiano dell’uso medio*” ou “*neo-standard*” foi um novo padrão em que a língua italiana se estabelecia linguisticamente. Gradualmente, começou a formar um sistema que se disseminou por várias partes da sociedade, nos meios de comunicação, na literatura e principalmente nas publicidades. O italiano que conhecemos hoje foi influenciado pelos dialetos e, com isso, foi se modificando ao longo do tempo, dando origem a diversas variedades linguísticas classificadas como *italianos regionali*. Os italianos regionais são as diferentes formas que o italiano possui em determinadas regiões linguísticas e é por isso que conseguimos distinguir um falante toscano de um romano, por exemplo, pois, eles carregam com si traços dialetais, lexicais, entonacionais, fonéticos e outras estruturas das suas regiões de origem produzindo algumas similaridades ou variações não só na fala, como na escrita, dependendo da região na qual se encontra.

Segundo De Mauro (1970) os italianos regionais surgiram dos esforços dos dialetófonos para aprender o idioma nacional. O que antes era uma língua exclusivamente literária, normativa, passou a ser uma nova forma de adaptação e expressão dos dialetos já existentes a uma língua “*piovuta dall’alto*” (“*caída do céu*”). Em meio a diversas pesquisas e classificações dessas variantes, a classificação feita por De Mauro (1970) foi a mais adequada porque possuía critérios sociológicos, dividida em quatro variedades regionais: a variedade setentrional, que possuía o seu centro nas grandes cidades ao norte, a central, com seu centro em Florença e com base em Roma (variante conhecida como *romanesco*) e a meridional com seu centro em Nápoles. O autor também destaca outras variedades menores como a *sarda* e a *umbro-marchigiana*.

Nei decenni anteriori all’unificazione, la precedente mancanza di un uso parlato dell’italiano fuori della Toscana e di Roma, le pronunzie regionali hanno potuto liberamente consolidarsi. Nei primi decenni dopo l’unità, la formazione dei maggiori centri urbani e il confronto che in questi avveniva tra le diverse pronunzie regionali, hanno reso possibile ad un numero

crescente di individui di eliminare, dalla loro pronunzia personale, i regionalismi fonologici più spiccati (DE MAURO, 1970, p. 172).⁵

Consequentemente, podemos dizer que o período que compreende o *Settecento* e *Ottocento* foi muito importante para a consolidação dos italianos regionais, variedades do italiano que se diferenciaram de acordo com a sua base geográfica e não são necessariamente ligados as suas regiões administrativas e sim linguísticas. Ou seja, são derivados dos dialetos dos centros urbanos mais desenvolvidos. Essas variedades se diferenciam entre si pelas suas estruturas. Veremos a seguir outras variedades regionais com diferenças em outras estruturas.

4.1 A variedade regional setentrional

A variedade regional setentrional se distingue morfossintaticamente pelo uso do *passato prossimo* no lugar do *passato remoto*; não se usa artigos determinativos na frente de pronomes possessivos quando se trata de membros de família; O uso de construções particulares vindas do dialeto como *mica* para reforçar uma negação “(*Non fa mica caldo*)” (“*Não está calor*”); O pronome pessoal objeto *me, te* é usado também como sujeito “*Chi comanda sono me*” (“*Quem manda sou eu*”) (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 82).

Na fonologia destacam-se: a oposição entre as vogais *e* e *o* com um timbre fechado ou aberto e não possuem oposição de significado, por exemplo, entre [pesca] o ato de pescar e [pesca] “pêssego”, fruta; A africada dental em posição inicial é sempre sonora e as africadas dentais [ts] e [dz] tendem a transformar-se em fricativas (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 82). Já no léxico, optamos por usar algumas expressões regionais mais comuns, dentre elas temos: *vera* para “*anello matrimoniale, fede*” (Rüegg, 1956/2016, p. 92); *pupa* para “*bambola*” (Rüegg, 1956/2016, p. 94); *ronfare* para “*russare*” (Rüegg, 1956/2016, p. 95); *terrina* para “*zuppiera*” ou

5 “Nas décadas anteriores à Unificação, a falta anterior de um uso falado do italiano fora da Toscana e de Roma, as pronúncias regionais puderam consolidar-se liberadamente. Nas primeiras décadas depois da Unificação, a formação dos maiores centros urbanos e o confronto que nestes acontecia entre as diversas pronúncias regionais, tornaram possível a um número crescente de indivíduos eliminarem, de sua pronúncia pessoal, os regionalismos fonológicos mais marcados (DE MAURO 1970, p. 172, tradução nossa).”

“*marmita*”, mais comum na Lombardia (Rüegg, 1956/2016, p. 97); *ometto* para “*grucia*” (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p.83); *tiretto* para “*cassetto*”, mais usado no Piemonte (Rüegg, 1956/2016, p. 100); *ronfa* ou *fa ronròn*, mais usado em Turim, para “*fare le fusa*” (Rüegg, 1956/2016, p. 100); *pomeriggio* para “*dopopranzo*” (Rüegg, 1956/2016, p. 104); *grappa* para “*acquavite*” (Rüegg, 1956/2016, p. 105); *curato* para “*parroco*” (Rüegg, 1956/2016, p. 106), entre outras.

4.2 A variedade regional central toscana

Segundo De Mauro (1970), na variedade regional central toscana, os nomes femininos terminados em *-e* são invariáveis no plural, como, por exemplo, *le noce* (singular: *la noce*), *le ragione* (singular: *la ragione*). Outras características morfossintáticas são: sistema de pronomes demonstrativos com três termos *questo*, *codesto*, *quello* (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 84); *si* e *se* são usadas no lugar de *ci* e *ce* na primeira pessoa do plural como na frase “*Arrivammo senza quase accorgersene*” (DE MAURO, 1970, p. 390); uso pleonástico dos pronomes e das partículas pronominais como em “*gli manderei a Lei*” ou “*a me mi pare una ingiustizia*” (DE MAURO, 1970, p. 390); a substituição de *-ano* por *-ono* na terceira pessoa plural do presente indicativo e de *-ino* por *-ano* na terceira pessoa plural do presente do subjuntivo (DE MAURO, 1970, p. 390); uso das formas *dasti* por *desti* e *dassi*, *stassi* por *dessi*, *stessi* (DE MAURO, 1970, p. 390).

As suas principais características fonéticas são: a realização da africada dental com duas variantes, uma surda e outra sonora como em [‘ts:ukero] e [ts:io] e [dzero] e [prandzo], na qual a variante sonora tende a generalizar-se, já que é sentida como um modo mais elegante e moderna (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 84); a utilização da chamada *gorgia toscana*, a qual é a pronúncia aspirada das oclusivas surdas em posição intervocálica: [kwel:a hasa] [il safone] [il praθo], a pronúncia aspirada do *-k* é difusa em toda a região da toscana, enquanto a pronúncia aspirada de *-p* e *-t* é presente principalmente na área centro-oriental com centro em Florença (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 84) e uma das características mais importantes é o *raddoppiamento sintattico*, um fenômeno encontrado principalmente em muitas variedades regionais centrais e meridionais que consiste no alongamento das consoantes

iniciais de alguns vocábulos (MAROTTA, 2011). Essa duração mais longa da pronúncia deu origem a uma fusão, na escrita, de algumas palavras autônomas pelo processo chamado de *univerbazione* e inseridas na língua italiana, como, por exemplo: *cosiddetto*, *eccome*, *sennò*, *sopracciglio*, *soprattutto*, *sopralluogo*, *contrattempo*, *contraddire*, etc.

Apesar da grande relevância histórica que a Toscana possui no território italiano por ser a língua modelo, de base literária, o que se observa após a primeira metade do *Novecento* é que, aos poucos, ela vai se distanciando do que antes era visto como *standard* e isso se reflete principalmente em seu léxico: *acquaio* para “*acquaio*” (Rüegg, 1956/2016, p. 97); *sciocco* para “*che sa poco di sale / insipido*” (Rüegg, 1956/2016, p. 97); *blatta* para “*blatta germanica*” (Rüegg, 1956/2016, p. 100); *babbo* para “*papà*” (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 84); *acchiappino* para “*giocare a rincorrersi*” (Rüegg, 1956/2016, p. 94); *cantuccio* para “*il primo o l’ultimo pezzo del pane*” (Rüegg, 1956/2016, p. 96); *cacio* para “*formaggio*” (Rüegg, 1956/2016, p. 94); *sbucciare* para “*mondare le patate*” (Rüegg, 1956/2016, p. 97); *giubba* para “*giacca*” (Rüegg, 1956/2016, p. 98).

4.3 A variedade regional central romana

Em relação à morfossintaxe da variedade central romana, temos: o futuro sendo substituído pelo presente (DE MAURO, 1970, p. 394); o subjuntivo é substituído pelo modo indicativo com verbos de opinião subjetiva, como ocorre no Sul (DE MAURO, 1970, p. 394); a preposição *a* substitui a preposição *in* como *stato in luogo* usado em nomes de lugares, posições geográficas e etc (DE MAURO, 1970, p. 395); uso do *che* enfático em frases interrogativas “*che, mi presti cento euro?*” (“*Poderia me emprestar cem euros?*”) (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 86); uso da construção *che + verbo + a fare* em frases interrogativas no lugar do *perché*: “*che ridi a fare?*” (“*do que você está rindo?*”) (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 86). De acordo com suas principais características fonéticas, temos: a africada simples /tʃ/ em posição intervocálica tende a realizar-se como fricativa /ʃ/ (DE MAURO, 1970, p. 390); a lateral palatal /ʎ/ tende a ser substituída por /j/ (DE MAURO, 1970, p. 391); alongamento das consoantes [b] e [dʒ] em posição intervocálica como: [rɔb:a] e [ˈfradzile] (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006,

p. 86). Em seu léxico destacamos: *nascondarella* para “*giocare a rimpiattino*” (Rüegg, 1956/2016, p. 94); *lenticchie* para “*lentiggini*” (Rüegg, 1956/2016, p. 95); *caldarroste* para “*castagne arrostate*” (Rüegg, 1956/2016, p. 96); *coppino* para “*ramaiolo*” (Rüegg, 1956/2016, p. 97); *colonna* para “*il comodino*” (Rüegg, 1956/2016, p. 100); *fruttarolo* para “*fruttivendolo*” (Rüegg, 1956/2016, p. 102); *segare / far sega* para “*marinare a scuola*” (Rüegg, 1956/2016, p. 106); *scostumato* para “*maleducato*” (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 87).

4.4 A variedade regional meridional

A variedade regional meridional é representada pela sua diversidade heterogênea e, do ponto de vista dialetal, não apresenta um único italiano regional, mas uma variedade maior do italiano local que possui características vindas dos dialetos dessa região. Seus aspectos principais foram separados em dois grupos principais: a variedade meridional e a variedade meridional extrema, com o foco sobre o Salento, a Calábria centro-meridional e a Sicília (SOBRERO, 2015). As suas características morfossintáticas são *pan-meridionais* e possuem muitos traços em comum como o uso de muitos verbos intransitivos como transitivos: “*devo ancora salire la spesa*”, “*ho sceso la bici in cortile*” (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 88); a mudança de gênero como “*lo scatolo*”, “*la ascensore*”, “*la capo*” (SOBRERO, 2015); o *passato prossimo* substitui o *passato remoto* (DE MAURO, 1970, p. 401); o indicativo substitui o subjuntivo (DE MAURO, 1970, p. 401); o complemento direto dos nomes animados com verbos transitivos são precedidos da preposição *a* (DE MAURO, 1970, p. 400) e o uso do pronome *voi* como pronome de cortesia: *dottore, voi cosa ne pensate?* (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 88).

Entre as suas características fonéticas destacamos: a oposição romana e toscana entre a pronúncia fechada e aberta das vogais *e* e *o*, mas os meridionais tentam evitar essa escolha optando por realizar uma pronúncia do *e* e do *o* aberta ou intermediária (DE MAURO, 1970, p. 397); as semivogais /j/, /w/ são vocalizadas com frequência, por exemplo, /kuadro/ no lugar de /kwadro/, /piano/ no lugar de /pjano/ (DE MAURO,

1970, p. 396); a oclusiva sonora bilabial /b/ e a africada sonora mediopalatal /dz/ em posição intervocálica entre as vogais e /l/ ou /r/ são realizadas com maior intensidade (DE MAURO, 1970, p. 395); a africada dental simples em posição inicial é sempre realizada como surda (DE MAURO, 1970, p. 395); a fricativa dental surda em posição antecônsonântica tende a ser realizada como mediopalatal: [ˈʃta:re], [viʃpo] e depois de uma consoante nasal torna-se africada com /ts/ ou com sonorização /dz/ como em [penˈtʃa:re] (DE MAURO, 1970, p. 396) e no siciliano a tendência é transformar os fonemas dentais em retroflexos (DE MAURO, 1970, p. 396).

Em seu léxico, temos: *fare la cucina* para “*rigovernare le stoviglie*” (Rüegg, 1956/2016, p. 97); *buttare* para “*versare*” (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 88); *faticare* para “*lavorare*” (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 89); *sfogliatella* para “*dolce di pasta sfoglia*”, principalmente na Campânia (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 89); *locasi* para “*affittasi*”, uso siciliano (Rüegg, 1956/2016, p. 99); *scorno* para “*vergogna*” (SOBRERO, 2015); *mo* para “*adesso*” (SOBRERO, 2015); *rione* para “*quartiere*” (Rüegg, 1956/2016, p. 107); *pure* para “*anche*”, uso Salentino (SOBRERO, 2015); *far Sicilia* para “*marinare a scuola*”, expressão meridional (Rüegg, 1956/2016, p. 106).

4.5 A variedade regional sarda

A variedade regional sarda é aquela que dentre as outras variedades consideradas menores, apresenta características peculiares principalmente no que diz respeito aos níveis fonético e morfossintático. Sendo assim, essas estruturas não permitem uma assimilação a nenhuma das variedades maiores como a variedade regional setentrional, a variedade central toscana, a variedade central romana e a variedade regional meridional (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006). Destacaremos alguns de seus aspectos principais a seguir.

Em sua morfossintaxe, temos: os verbos ocupam a posição final da frase, principalmente nas interrogativas diretas como em “*il tablet ti sei comprato?*” ou “*Pronto sei?*” (SOBRERO, 2015); o gerúndio é usado com *essere* e não com *stare* para ações em desenvolvimento como “*sono mangiando*” no lugar de “*sto mangiando*”

(SOBRERO, 2015); quando o infinitivo tem valor de particípio presente é substituído pelo gerúndio: “*l’ho visto correndo*” (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 90) e a construção stare + gerúndio não tem o mesmo valor da forma *standard*, por exemplo, “*sto arrivando*” não significa “*arrivo ora, mentre parlo*”, mas “*sto per arrivare, tra poco arriverò*” (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 90). Já em sua fonética, temos: as oclusivas surdas intervocálicas e as africadas simples ou intensas são realizadas como médias (DE MAURO, 1970, p. 402); as consoantes palatais [tʃ] e [dʒ] são produzidas depois de uma vogal tônica: [amitʃ:i], [randadz:i] (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 90) e as fricativas labiodentais [f] e [v] são produzidas em posição intervocálica: [af:ozo], [av:ev:a] (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 90). E, por fim, em seu léxico, temos: *fregola* para “*tipo di pasta*” (SOBRERO, 2015); *cattivo* para “*malato*” (DE AMICIS, 1905, apud DE MAURO, 1970, p. 402); *assai ora* para “*molto tempo*” (DE AMICIS, 1905, apud DE MAURO, 1970, p. 402); *sera* para “*parte dela giornata compressa fra il pranzo e la cena*” (SOBRERO, 2015).

5 A LÍNGUA ITALIANA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

De acordo com De Mauro (1970), as transformações fundamentais da economia italiana e do nível médio de escolaridade modificaram as condições linguísticas do país, bem como pelos caminhos já indicados até agora, consentiram e determinaram também inovações profundas em dois setores intimamente relacionados como a informação e o espetáculo.

I tipi di informazione e di spettacolo che si avvalgono di tecniche tradizionali come la stampa periodica e non periodica o il teatro, e i tipi legati invece a tecniche recenti, come cinema sonoro, radio e televisione, hanno svolto in Italia una duplice azione linguistica: hanno cioè diffuso e consolidato il possesso della lingua comune a scapito dei dialetti; e hanno determinato il sorgere di nuovi moduli stilistici connessi alle esigenze insite nelle tecniche di fissazione e trasmissione dei messaggi (DE MAURO, 1970, p. 111).⁶

Com o aumento do tempo livre, os lucros individuais e globais, causados pela industrialização e a redução das taxas de analfabetismo, produziram um uso crescente dos meios de informação e dos espetáculos. Nos anos seguintes ao segundo pós-guerra, a imprensa conseguiu alcançar, em 1950, quase a metade da população adulta, ou seja, entre os leitores habituais e os que não liam chegava a quase 25 milhões de pessoas, que em prática eram quase toda a população adulta alfabetizada.

5.1 O jornal

Entre os meios de informação, o jornal, em especial o diário, tirou as maiores vantagens do desenvolvimento econômico e cultural da sociedade italiana pós-unitária. Nos anos da unificação, existia na Itália muitos jornais locais. Entre os jornais mais importantes estavam “*La perseveranza*” de Milão, “*La voce del popolo*” de Bolonha, “*L’opinione*” e “*Il diritto*” de Roma. O jornal “*Il piccolo*” de Nápoles não se destacava

⁶ “Os tipos de informação e de espetáculo que façam uso de técnicas tradicionais como as publicações periódicas e não periódicas ou o teatro e os tipos relacionados a técnicas recentes, como o cinema sonoro, o rádio e a televisão, desempenharam dupla ação linguística: isto é, difundiram e consolidaram a posse da língua comum à custa dos dialetos e determinaram o surgimento de novos módulos estilísticos relacionados com as necessidades inerentes às técnicas de fixação e transmissão das mensagens” (DE MAURO, 1970, p. 111, tradução nossa).

muito como os outros porque as suas tiragens eram baixas e mantinha uma aproximação com a política. Já o “*Fanfulla*” de Ferdinando Martini, trouxe várias novidades com uma rede de correspondentes, uma redação eficiente e empenho constante para alcançar uma exposição brilhante dos fatos e ideias fez com que se espalhasse nacionalmente. Esse jornal se expandiu a um número crescente de leitores de diferentes classes e regiões, obrigados a deixar de lado os excessos estilísticos, para dar lugar a uma prosa de fácil compreensão.

Os jornais “*Secolo*” e “*Tribuna*” foram alguns dos meios de transição, pois, no começo da década do período *giolittiano* a economia deu um salto, a reorganização em bases amplamente democráticas da vida política e o crescimento cultural do país consentiu e impôs o surgimento de grandes empresas jornalísticas novas. Os novos jornais criados foram o “*La Stampa*” de Frassati, o “*Corriere della sera*” de Albertini, e o “*Giornale d’Italia*” de Bergamini que tiveram uma estrutura que nas décadas sucessivas serviram de modelo para todos dos quotidianos italianos. Outra novidade foi a consolidação do prestígio linguístico da capital, isto é, a partir de 1870 todos os jornais e agências contavam com uma redação em Roma ou de correspondentes no exterior para facilitar a comunicação entre diferentes idiomas. A imprensa espalhou a variedade romana do italiano por todos os lugares, e o seu uso meridional (Sul) conseguiu chegar até o setentrional (Norte) através de sua prosa jornalística, tornando-se cada vez mais popular. Roma tornou-se a cidade de maior prestígio, transformando-se no maior centro da vida intelectual e artística italiana.

5.2 O cinema

O cinema sonoro foi a primeira fonte de conhecimento da língua nacional para a população meridional e a força de penetração do cinema nas classes e nas regiões mais pobres emergiu confrontando leitores de jornais e frequentadores de salas cinematográficas: na Puglia, na Basilicata e na Calábria elas são respectivamente 34,3% e 58,7%; na Sicília 38,4% e 64%, no Lácio meridional e Campânia 45,9% e 63%; na Sardenha 50,9% e 69% (DE MAURO, 1970, p. 120). A linguagem cinematográfica buscou colocar o uso de palavras em contextos do quotidiano para aproximar e divertir o espectador, como foi o caso do ator napolitano Totò que recorria a elementos cômicos

e a mímica para fazer piadas e divertir a todos. Outro nome importante é o de Pier Paolo Pasolini, que em 1954 trabalhou pela primeira vez como roteirista no filme *La donna del fiume* de Mario Soldati e Sophia Loren. Ele também colaborou no roteiro dos filmes *Le notti di Caribia* com Mauro Bolognini e *La Dolce Vita* com Federico Fellini, entre outros.

5.3 O rádio

O início das transmissões se deu em 24 de março de 1924 quando foi ao ar o discurso fracassado de Mussolini no teatro Costanzi e, a partir daí, surgiu certa desconfiança por parte do chefe do regime Fascista que resolveu reproduzir principalmente música clássica ou música de câmara, precedidas de propagandas publicitárias. Essas publicidades estimulavam as pessoas a comprarem aparelhos radiofônicos como o popular rádio *Balilla*, que nos anos trinta custava 430 liras (SORGI, 2014). O rádio também foi muito usado em propagandas políticas e seus conteúdos eram extremamente controlados, a língua utilizada era rigidamente o padrão *standard* com uma dicção perfeita e profissional. Além disso, foi responsável por difundir o uso do *Voi* em vez de *Lei* e teve um grande sucesso no que diz respeito ao conhecimento e uso da língua unitária, mas também lutou contra o uso dos dialetos e dos estrangeirismos como *garage* em favor de *autorimessa* e em vez de *bar* se dizia *mescita* (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006).

5.4 A televisão

A televisão foi uma verdadeira revolução dos meios de comunicação para a população italiana. Ela nasce em 1954 e sua popularidade acabou ultrapassando a do rádio, mostrando-se um meio eficiente para estimular o aprendizado da língua italiana, principalmente entre os dialetófonos. Todavia, nem todo mundo podia ter uma TV em casa, mas mesmo assim, as pessoas faziam questão de se reunir, seja na casa de vizinhos, nos bares, seja em outros ambientes para poder assistir à programação e trocar opiniões entre si. Os anos cinquenta e sessenta foram de grande importância não só para

a televisão como para o rádio porque a língua *standard* era a que predominava em todo o território e isso foi notório nas programações, principalmente no que diz respeito à pronúncia. Os apresentadores dos telejornais eram pessoas que tinham feito algum curso de dicção para obter uma pronúncia impecável desse modelo padrão da língua. Porém, a partir de fevereiro de 1957, um programa publicitário chamado *Carosello* começou a acrescentar em suas publicidades pronúncias regionais como o romanesco, o vêneto, o lombardo e o piemontês com função lúdica e teatral (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 115).

O italiano da vida real só começou a aparecer através dos programas populares como *Lascia o raddoppia* em 1955 e o *Campanile Sera* em 1959, nos quais recebiam participantes de todas as regiões da Itália e, conseqüentemente, eles falavam o italiano de suas origens. Existia também o teatro dialetal que se chamava *La Rassegna Talia*, que a cada semana destacava a representação de alguma região italiana e propunha como normas autores regionais cuja língua se movia entre o dialeto considerado “limpo” e o italiano regional (SOBRERO e MIGLIETTA, 2006, p. 115). Com isso, a língua comum aparecia cada vez mais na TV e apesar de ainda ser recomendável o uso do italiano *standard*, ele era cada vez menos praticado entre as pessoas.

Visando ajudar àqueles que ainda não eram alfabetizados, foi criado um programa de alfabetização que passou a ser transmitido na televisão italiana, chamado de *Non è mai troppo tardi* entre os anos de 1960-1968, apresentado por Alberto Manzi. Esse programa nasce de um compromisso da televisão estatal na área da alfabetização das classes populares e, em geral, nas divulgações culturais. A transmissão fazia parte dos programas da *Telescuola*, cujos cursos foram iniciados em 1958 com o apoio do *ministero della pubblica istruzione* e seu objetivo era o de permitir às crianças, que moravam em zonas onde o ensino pós-elementar ainda não tinha chegado, a completar o ciclo obrigatório (DI LUZIO, 2016). O programa consistia em mostrar, de frente às câmeras, um professor e apresentador que possuía algumas folhas e uma caneta para escrever. No ano de 1965, *Non è mai troppo tardi* foi premiado em Tóquio, por indicação da UNESCO, como uma das transmissões televisivas mais eficazes na luta contra o analfabetismo (DI LUZIO, 2016).

Em 1976, com o advento da TV privada, a questão do modelo linguístico usado na época sofreu diversas modificações, principalmente entre os telejornais, os

anunciadores e anúncios publicitários. A partir dos anos oitenta, as *telenovelas* latino-americanas tiveram muito sucesso com as séries norte-americanas, mesmo tendo uma linguagem artificial que não fazia parte do quotidiano. Já nos anos noventa, o talk-show *I fatti vostri* trouxe fatos comuns como dramas e problemas, reproduzidos com as estruturas de cada região da Itália, como a pronúncia, estruturas morfossintáticas dialetais, italianos regionais e o italiano popular. Nos últimos anos, na medida sempre mais massiva, a televisão não reproduzia uma língua monolítica e estandardizada, mas refletia no interior da pluralidade dos programas quase todas as variedades do repertório dos italianos. Vai-se de uma língua fortemente estandardizada, caracterizada ao nível linguístico pelo estilo nominal e por um registro formal próprio dos *telegiornali* (TG) e *giornali radio* (GR), dos debates entre especialistas ou entre políticos, as variedades regionais do italiano popular e dos dialetos que se registram durante as intervenções do público em casa ou no estúdio, nos reality-show e também a partir dos mesmos apresentadores, indiferentemente nas redes locais e naquelas nacionais como a RAI e MEDIASET (SOBRERO e MIGLIETTA, 2016, p. 116).

6 CONCLUSÃO

Neste trabalho, vimos como a língua italiana que conhecemos hoje, percorreu diversas etapas desde o seu surgimento, passando pelas obras de escritores importantes como Dante, Petrarca, Boccaccio, Galileu Galilei e Manzoni, do *Risorgimento*, até a Unificação Italiana. Vimos também como essas transformações linguísticas através das Guerras e do Regime Fascista influenciaram no desenvolvimento social e na modernização do país.

Contudo, conclui-se, a partir desta pesquisa e dos levantamentos feitos, que a língua italiana passou por inúmeras transformações, não só em sua estrutura, mas na forma de se comunicar. A conquista da língua unitária no território italiano foi tardia e o papel da escola na alfabetização e no enfrentamento da evasão escolar simultaneamente com o surgimento dos meios de comunicação foi essencial para que esse objetivo fosse alcançado. Finalmente, a partir da Constituição da República Italiana de 1946, os estrangeirismos e os dialetos entraram no vocabulário da língua italiana e diversificaram a sua estrutura, que, aos poucos, ganha traços de sua nova identidade, garantindo o estabelecimento de uma nova nação com uma língua rica e cultura própria.

7 REFERÊNCIAS

BERRUTO, Gaetano. *Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*. Roma: Carocci, 2012.

DARDANO, M. E TRIFONE, P. *Grammatica italiana con nozioni di linguistica*. Bologna: Zanichelli, 1995.

DE MAURO, Tullio. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Roma: Laterza, 1970.

MIGLIORINI, Bruno. *Storia della lingua italiana*. Milano: Bompiani, 1970.

RÜEGG, Robert. *Sulla geografia dell'italiano parlato*. Bellinzona: Osservatorio linguistico della Svizzera italiana, 1956/2016.

SOBRERO, Alberto A.; MIGLIETTA, Annarita. *Introduzione alla linguistica italiana*. Roma-Bari: Laterza, 2006.

SITES CONSULTADOS

BRIGANTI, Alessandra. In: Enciclopedia italiana. IV Appendice (1978). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/carlo-emilio-gadda_%28Enciclopedia-Italiana%29/, acesso em 08/12/2021.

CAROCCI, Giampiero. *Storia dell'Italia moderna: dall'unità alla fine del '900*. Primeira edição. Roma: Newton Compton Editori. 2012. E-book (não paginado). Disponível em: <https://www.newtoncompton.com/libro/storia-dellitalia-moderna>, acesso em 14/09/2022.

COSTITUZIONE DELLA REPUBBLICA ITALIANA. GU Serie Generale n° 298 del 27 dic 1947. Entrata in vigore del provvedimento il 1 gen 1948. Art.4° e Art.6°.

Disponíveis em: <https://www.gazzettaufficiale.it/dettaglio/codici/costituzione>, acesso em 2/10/2021.

DI LUZIO, Adolfo. Manzi, Alberto. In: Dizionario Biografico degli italiani (2016). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/alberto-manzi_%28Dizionario-Biografico%29/, acesso em 03/02/2022.

ITALIA. Lei nº3961, de 15 de Julho de 1877. Legge sull'obbligo dell'istruzione elementare. Art.1º. Disponível em: <https://www.sba.unifi.it/p580.html>, acesso em 22/09/2021.

MAROTTA, Giovanna. Raddoppiamento Sintattico. In: Enciclopedia dell'italiano (2011). Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/raddoppiamento-sintattico_\(Enciclopedia-dell%27Italiano\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/raddoppiamento-sintattico_(Enciclopedia-dell%27Italiano)/), acesso em 22/01/2022.

MASTRONARDI, Lucio. In: Enciclopedia on line. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/carlo-emilio-gadda_%28Enciclopedia-Italiana%29/, acesso em 08/12/2021.

MORAVIA, Alberto. In: Enciclopedia on line. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/alberto-moravia/>, acesso em 08/12/2021.

PARMENTOLA, Sergio. In: Enciclopedia dei ragazzi (2006). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/risorgimento_%28Enciclopedia-dei-ragazzi%29/, acesso em 7/09/2021.

PONZO, Marzia. Repubblica. In: Enciclopedia dei ragazzi (2006). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/repubblica_%28Enciclopedia-dei-ragazzi%29/, acesso em 06/10/2022.

SABATINI, Francesco. Lingua del Novecento. In: Enciclopedia dell'italiano (2011). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/lingua-del-novecento_%28Enciclopedia-dell%27Italiano%29/, acesso em 02/10/2022.

SCHINO, Mirella. De Filippo, Eduardo. In: Enciclopedia dei ragazzi (2005). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/eduardo-de-filippo_%28Enciclopedia-dei-ragazzi%29/, acesso em 08/12/2021.

SITI, Walter. Pasolini, Pier Paolo. In: Dizionario Biografico degli Italiani. Volume 81 (2014). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/pier-paolo-pasolini_%28Dizionario-Biografico%29/, acesso em 10/02/2022.

SOBRERO, Alberto A. L'italiano nelle regioni. In: L'italia e le sue regioni (2015). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/l-italiano-nelle-regioni_%28L%27Italia-e-le-sue-Regioni%29/, acesso em 29/01/2022.

SORGI, Marcello. La radio fa novanta. In: Il libro dell'anno (2014). Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/la-radio-fa-novanta_%28Il-Libro-dell%27Anno%29/, acesso em 10/02/2022.

TALAMO, Giuseppe. Michele Coppino. In: Dizionario Biografico degli Italiani (1983). Volume 28. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/michele-coppino_%28Dizionario-Biografico%29/, acesso em 25/09/2022.